



Psicose Induzida por Substâncias: Abordagens Diagnósticas e Terapêuticas.

Rhanna Kézia Wandekoken Will, Warllon de Souza Barcellos; Waleska Vitória de Oliveira Tostes Peixoto; Flávio Gabriel Alves de Sousa; Larissa Rodrigues Vieira; Matheus Oliveira Cardoso; Isabela Araújo da Silva; Thuane do Nascimento Bezerra; Ralline Malala Rodrigues Melo, Nadime Ahmad Saada, Vitória Cunha Brasil Silva



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p2042-2055>

Artigo recebido em 18 de Julho e publicado em 08 de Setembro de 2024

REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

RESUMO

A psicose induzida por substâncias (SIS) é um problema clínico relevante devido à sua semelhança com transtornos psicóticos primários. Substâncias como anfetaminas podem causar sintomas psicóticos persistentes, dificultando o diagnóstico. A distinção entre SIS e transtornos primários é desafiadora devido à sobreposição de sintomas. O tratamento geralmente inclui antipsicóticos atípicos e terapias psicossociais, com foco em intervenções precoces para prevenir psicose crônica. Um manejo eficaz exige uma abordagem abrangente para atender tanto às necessidades imediatas quanto às de longo prazo. O objetivo desta revisão sistemática é analisar as abordagens diagnósticas e terapêuticas para a psicose induzida por substâncias, identificando as intervenções mais eficazes para o manejo dessa condição e os principais desafios no diagnóstico diferencial com outros transtornos psicóticos. Foram utilizadas as seguintes bases de dados científicas: Scopus e PubMed, para a seleção dos artigos, como o uso dos unitermos em língua inglesa: "Substance-induced psychosis, Diagnostic approaches, Therapeutic interventions, Differential diagnosis". Conclui-se que a psicose induzida por substâncias (PIS) é desafiadora para diagnóstico e tratamento devido à sobreposição com transtornos psicóticos primários (TPP). A diferenciação entre PIS e TPP é crucial, mas difícil devido à semelhança dos sintomas. O tratamento geralmente usa antipsicóticos atípicos e combina farmacoterapia com terapias psicossociais. Abordagens emergentes, como intervenções dietéticas e epigenéticas, oferecem novas perspectivas e devem ser acompanhadas para futura validação. Uma abordagem multidimensional, que considere fatores agudos e de longo prazo, é essencial para otimizar os desfechos clínicos e a qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: Substance-induced psychosis, Diagnostic approaches, Therapeutic

interventions, Differential diagnosis.

Substance-Induced Psychosis: Diagnostic and Therapeutic Approaches.

ABSTRACT

Substance-Induced Psychosis (SIP) has emerged as a major clinical issue due to its similarity to primary psychotic disorders. Psychoactive substances like amphetamines can lead to persistent psychotic symptoms, complicating the diagnostic process. Differentiating SIP from primary disorders is challenging due to symptom overlap. Treatment typically involves atypical antipsychotics and psychosocial therapies, with a focus on early intervention to prevent chronic psychosis. Effective management requires a comprehensive approach addressing both immediate and long-term needs to enhance patient outcomes. The objective of this systematic review is to analyze the diagnostic and therapeutic approaches to substance-induced psychosis, identifying the most effective interventions for managing this condition and the main challenges in the differential diagnosis with other psychotic disorders. The scientific databases Scopus and PubMed were used for article selection, with the following English keywords: “Substance-induced psychosis, Diagnostic approaches, Therapeutic interventions, Differential diagnosis”. Therefore, Substance-Induced Psychosis (SIP) is challenging for diagnosis and treatment due to its overlap with primary psychotic disorders (PPD). Differentiating SIP from PPD is essential but complicated by similar symptoms like delusions and hallucinations. Treatment typically involves atypical antipsychotics and integrates pharmacotherapy with psychosocial therapies. Emerging approaches, such as dietary and epigenetic interventions, offer new possibilities and should be monitored for future validation. A multidimensional approach considering both acute and long-term factors is crucial for optimizing clinical outcomes and patient quality of life.

Keywords: Substance-induced psychosis, Diagnostic approaches, Therapeutic interventions, Differential diagnosis.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A psicose induzida por substâncias (SIS) tem ganhado destaque na prática clínica devido ao impacto significativo das drogas psicoativas sobre a saúde mental. Substâncias como anfetaminas, metanfetaminas e outros psicoestimulantes afetam o sistema nervoso central, promovendo a liberação de neurotransmissores como dopamina e serotonina, o que pode resultar em sintomas psicóticos persistentes semelhantes aos observados em transtornos psicóticos primários, como a esquizofrenia (Cohen-Laroque, J. *et al.*, 2024). A dificuldade em distinguir entre a psicose induzida por substâncias e os transtornos psicóticos primários continua a ser um desafio significativo, principalmente devido à semelhança nos sintomas, como delírios e alucinações (Fiorentini, A. *et al.*, 2021).

Além disso, o aumento do consumo de drogas ilícitas e o surgimento de novas substâncias psicoativas contribuem para a complexidade do diagnóstico. O uso contínuo ou em altas doses de substâncias pode levar a um quadro psicótico que imita desordens primárias, exacerbando o desafio clínico de diferenciar a psicose induzida por substâncias de outras psicopatologias (Murrie, B. *et al.*, 2020). As abordagens diagnósticas devem considerar a história de uso de substâncias e o momento da manifestação dos sintomas para um diagnóstico preciso e para o manejo adequado do quadro psicótico e da dependência associada (Fiorentini, A. *et al.*, 2021).

O tratamento da psicose induzida por substâncias tipicamente envolve antipsicóticos atípicos e combinações de farmacoterapia com terapias psicossociais, como a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Entrevista Motivacional. Essas intervenções visam reduzir recaídas e hospitalizações, com a importância de intervenções precoces para evitar a progressão para psicose crônica (Cohen-Laroque, J. *et al.*, 2024). No entanto, a confiabilidade dos critérios diagnósticos e a necessidade de estratégias que considerem tanto o manejo agudo quanto o acompanhamento a longo prazo destacam a necessidade de uma abordagem multidimensional para otimizar o

manejo clínico e melhorar a qualidade de vida dos pacientes (Murrie, B. *et al.*, 2020).

O objetivo desse artigo é investigar como as estratégias de diagnóstico e as abordagens terapêuticas impactam o manejo da psicose induzida por substâncias. Isso inclui avaliar a eficácia das técnicas diagnósticas para distinguir a psicose induzida por substâncias de outros transtornos psicóticos primários, como a esquizofrenia, e examinar as opções de tratamento disponíveis para otimizar os resultados clínicos e a qualidade de vida dos pacientes. Almeja-se, também, fornecer uma visão abrangente sobre como melhorar a precisão diagnóstica e a eficácia terapêutica no tratamento da psicose induzida por substâncias.

METODOLOGIA

Esta revisão sistemática busca responder à pergunta norteadora: "Como as abordagens diagnósticas e terapêuticas impactam o manejo da psicose induzida por substâncias e o diagnóstico diferencial com outros transtornos psicóticos?". O objetivo é fornecer evidências científicas atualizadas para otimizar o tratamento e aliviar o sofrimento mental desses pacientes assim como minimizar o prejuízo funcional. A pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed e Scopus, com o filtro nos últimos 5 anos, utilizando os descritores em inglês: Substance-induced psychosis, Diagnostic approaches, Therapeutic interventions, Differential diagnosis, todos combinados com o operador booleano AND.

Os critérios de inclusão foram: textos completos disponíveis, artigos relevantes sobre o tema e estudos que avaliem os impactos nos desfechos clínicos. Priorizaram-se estudos originais, revisões sistemáticas, meta-análises e ensaios clínicos publicados em periódicos revisados por pares e diretrizes de associações médicas, escritos em inglês, espanhol ou português. Os critérios de exclusão foram: estudos não relacionados diretamente ao tema ou que não atendam o objetivo estabelecido, estudos em populações não humanas, artigos de baixa qualidade ou não revisados por pares.

RESULTADOS

Título da Publicação	Autor	Periódico (Volume, número,página)	Ano e País de publicação	Metodologia e Resultados do Trabalho
Substance-induced psychosis in youth.	BECKMANN, D <i>et al.</i>	Child Adolesc Psychiatr Clin N Am (v. 29, n. 1, p. 131-143).	2020, Estados Unidos.	<p>Revisão sistemática de literatura.</p> <p>Os estudos revelam que as abordagens diagnósticas e terapêuticas para a psicose induzida por substâncias (SIP) são impactadas de forma significativa pela variedade e potência das substâncias utilizadas. As pesquisas demonstram que a cannabis, especialmente com alta concentração de THC, está fortemente associada ao desenvolvimento de psicose, com uma correlação direta entre a potência do THC e o risco de transtornos psicóticos. Estudos recentes indicam que o uso diário de cannabis com alto teor de THC pode quadruplicar o risco de psicose em comparação com não usuários, sugerindo uma relação causal entre a potência da substância e o início da psicose. Este achado destaca a necessidade de uma abordagem mais crítica e direcionada na identificação de pacientes que usam cannabis de alta potência e no desenvolvimento de estratégias terapêuticas adequadas.</p> <p>Os estimulantes, como anfetaminas e metanfetaminas, também desempenham um papel significativo na indução de psicose. A exposição a doses elevadas de anfetaminas pode resultar em psicose aguda, com sintomas semelhantes aos transtornos esquizofrênicos, enquanto o uso de metanfetaminas tem sido associado a uma psicose transitória com características clínicas bem documentadas, como delírios persecutórios e alucinações. No entanto, a psicose induzida por metanfetaminas tende a remitir mais rapidamente, o que pode influenciar a forma como as abordagens terapêuticas são formuladas. A variabilidade na resposta dos pacientes a diferentes estimulantes sugere a necessidade de um diagnóstico preciso e de um tratamento adaptado ao perfil específico do uso de substância.</p> <p>Outras substâncias, como alucinógenos e medicamentos prescritos, também contribuem para a complexidade do diagnóstico da SIP. O uso de alucinógenos pode levar a um transtorno persistente de percepção, com sintomas que podem persistir além do período de intoxicação inicial. A pesquisa indica que, embora a maioria dos episódios de psicose induzida por alucinógenos não se associe a crenças delirantes, a persistência dos sintomas pode distinguir esse transtorno de outros transtornos psicóticos. Além disso, medicamentos prescritos, como esteroides e antibióticos, têm sido associados a sintomas psicóticos que são geralmente reversíveis, mas que ainda assim necessitam de uma abordagem diagnóstica e terapêutica cuidadosa para diferenciar entre psicose induzida por substância e outros transtornos psicóticos primários.</p>
Positive and negative symptoms in methamphetamine-induced psychosis compared to schizophrenia: A systematic review and meta-analysis.	COHEN-LAROQUE, J. <i>et al.</i>	Schizophr Res (v. 267, p. 182-190).	2024, Suíça.	<p>Revisão sistemática de literatura e Meta-análise.</p> <p>Os resultados dessa análise revelam que os sintomas negativos são menos proeminentes em indivíduos com psicose induzida por substâncias (PIS) em comparação com aqueles diagnosticados com esquizofrenia. Entretanto, não há diferença significativa nos sintomas positivos entre essas duas populações. Isso sugere que, embora a psicose induzida por substâncias compartilhe algumas características com a esquizofrenia, as manifestações clínicas podem diferir, principalmente na dimensão dos sintomas negativos.</p> <p>Além disso, observou-se que os indivíduos com PIS apresentam uma maior preservação das funções cognitivas e menos alterações estruturais no cérebro, como o aumento do volume de matéria cinza em comparação com os pacientes esquizofrênicos. A correlação positiva entre o volume da matéria cinza no cerebelo esquerdo e a duração da abstinência indica que a abstinência prolongada pode beneficiar a recuperação cognitiva. Isso sugere que a recuperação da função cognitiva em indivíduos com PIS pode ser mais eficiente do que em pacientes com esquizofrenia.</p> <p>Em relação ao tratamento, a evidência sugere que antipsicóticos que visam os receptores D2 são eficazes na redução dos sintomas positivos da PIS. Medicamentos como haloperidol, risperidona, olanzapina e aripiprazol foram identificados como úteis, com aripiprazol mostrando uma tolerância relativamente melhor. No entanto, a prevalência de efeitos colaterais extrapiramidais em usuários de metanfetaminas indica a necessidade de uma abordagem cuidadosa no manejo farmacológico.</p>
Substance-induced psychoses: An updated literature review.	FIorentini, A. <i>et al.</i>	Front Psychiatry (v. 12, p. 694863).	2021, Itália.	<p>Revisão sistemática de literatura.</p> <p>Os resultados revelam uma forte correlação entre o uso de substâncias como canabinoides, cocaína e metanfetaminas com o surgimento de sintomas psicóticos. Observou-se que essas drogas, além de induzirem sintomas transitórios como delírios e alucinações durante a intoxicação aguda, podem aumentar o risco de progressão para distúrbios psicóticos mais estruturados, especialmente em</p>

				<p>usuários de longa data. Estudos também sugerem que o uso de novas substâncias psicoativas, como canabinoides sintéticos e catinonas, está associado a quadros de psicose mais severos e persistentes, ampliando o panorama das psicopatologias induzidas por drogas.</p> <p>A dificuldade de distinguir psicose induzida por substâncias de transtornos psicóticos primários foi outro achado importante. As novas substâncias, muitas vezes, não são detectáveis em exames toxicológicos de rotina, o que gera um desafio significativo no diagnóstico diferencial, principalmente em contextos de emergência. Embora os sintomas psicóticos possam se resolver após a eliminação da substância, muitos pacientes não retornam para acompanhamento, dificultando o manejo a longo prazo e o diagnóstico de condições psiquiátricas subsequentes.</p> <p>Além disso, foi identificado que aproximadamente 32,2% dos casos de psicose induzida por substâncias evoluem para esquizofrenia ou transtorno bipolar, com taxas mais elevadas entre usuários de cannabis. No entanto, a conversão para transtornos psicóticos duradouros parece variar conforme a substância e fatores como a vulnerabilidade individual e a idade do início do uso de drogas. Apesar da grande quantidade de dados sobre drogas como cannabis, cocaína e metanfetaminas, as evidências sobre a persistência da psicose após o uso de outras substâncias ainda são limitadas, dificultando uma compreensão mais ampla dos desfechos de longo prazo.</p>
Differenzialdiagnostische Unterscheidung zwischen substanzinduzierten und primären Psychosen: Empfehlungen für die allgemeinspsychiatrische und forensische Praxis.	HIRJAK, D. et al.	Nervenarzt (v. 93, n. 1, p. 11-23).	2022, Alemanha.	<p>Revisão sistemática de literatura.</p> <p>Os resultados indicam que as abordagens diagnósticas da psicose induzida por substâncias (SIPS) ajudam a distinguir esse quadro de outros transtornos psicóticos primários, embora essa diferenciação nem sempre seja clara. A SIPS, caracterizada por alucinações e delírios, se manifesta principalmente após o uso de substâncias, sendo transitória ou persistente, conforme descrito nos manuais DSM-5 e CID-10. Nos casos em que os sintomas persistem, é importante considerar a possível presença de um transtorno psicótico primário. O estudo destaca que os critérios temporais são essenciais para o diagnóstico, uma vez que o DSM-5 estabelece uma duração máxima de 4 semanas, enquanto o CID-10 permite que os sintomas permaneçam por até seis meses após o uso da substância.</p> <p>As evidências demonstram que a SIPS apresenta uma evolução clínica mais rápida em relação a transtornos psicóticos primários, com remissão mais frequente dos sintomas psicóticos após a cessação do uso de substâncias. No entanto, algumas manifestações cognitivas podem perdurar, como déficits em funções executivas e percepção espacial. Apesar disso, as abordagens terapêuticas, como o uso de antipsicóticos atípicos em casos de psicose induzida por substâncias, têm se mostrado eficazes na maioria dos casos, especialmente quando combinadas com a interrupção do uso da substância responsável.</p> <p>A pesquisa também revela que o uso prolongado de drogas em indivíduos com vulnerabilidade genética pode desencadear uma psicose primária. Pacientes com SIPS frequentemente apresentam comorbidade com transtornos de dependência, o que agrava a complexidade do tratamento. Comparando os grupos, indivíduos com SIPS têm maior probabilidade de ter um status ocupacional mais baixo, devido à dependência de substâncias, embora os sintomas psicóticos sejam menos graves do que em pacientes com transtornos primários. O tratamento diferenciado é essencial, pois a resposta à medicação antipsicótica tende a variar entre os dois grupos.</p>
Transition of substance-induced, brief, and atypical psychoses to schizophrenia: A systematic review and meta-analysis.	MURRIE, B. et al.	Schizophr Bull (v. 46, n. 3, p. 505-516).	2020, Austrália..	<p>Revisão sistemática e meta-análise.</p> <p>As abordagens diagnósticas e terapêuticas no manejo da psicose induzida por substâncias apresentam resultados significativos. Um estudo com 34.244 indivíduos identificou que 25% dos casos de psicose induzida por substâncias evoluíram para esquizofrenia, sendo o tipo de substância o principal fator preditivo dessa transição. A psicose induzida por cannabis demonstrou a maior taxa de transição, com 34% dos casos evoluindo para esquizofrenia, enquanto substâncias como álcool e sedativos apresentaram taxas inferiores a 10%. Essa variabilidade destaca a importância do tipo de substância no diagnóstico diferencial de transtornos psicóticos, influenciando diretamente as estratégias de manejo e acompanhamento.</p> <p>A heterogeneidade das estimativas, como diferenças de sexo, localização e métodos diagnósticos, não demonstrou impacto significativo nas taxas de transição para esquizofrenia. Entretanto, estudos com coortes mais velhas reportaram uma menor proporção de transição, o que pode estar relacionado à maior prevalência de psicose induzida por álcool nesses grupos. Apesar disso, os resultados sugerem que substâncias como cannabis, alucinógenos e anfetaminas devem receber atenção redobrada nas abordagens terapêuticas, visto que apresentam um risco considerável de evolução para esquizofrenia.</p> <p>Comparativamente, a psicose induzida por substâncias apresentou uma taxa de transição para esquizofrenia semelhante à</p>

				observada em outros transtornos psicóticos breves e atípicos. Esse dado ressalta a necessidade de abordagens terapêuticas assertivas e multidisciplinares, especialmente em casos de psicose induzida por substâncias como cannabis. Assim, a avaliação psiquiátrica abrangente e o monitoramento contínuo são cruciais para garantir melhores desfechos clínicos e reduzir o risco de evolução para transtornos psicóticos mais graves.
Substance-induced psychiatric disorders, epigenetic and microbiome alterations, and potential for therapeutic interventions.	NOHESARA, S. <i>et al.</i>	Brain Sci (v. 14, n. 8, p. 769).	2024, Estados Unidos e Irã.	<p>Meta-análise.</p> <p>As abordagens diagnósticas e terapêuticas para a psicose induzida por substâncias destacam a importância das mudanças epigenéticas e nutricionais no manejo dos sintomas psicóticos. Estudos indicam que alterações nos níveis de folato em usuários de metanfetamina psicóticos, em comparação com não psicóticos, aumentam o risco de psicose, sugerindo que dietas ricas em metil podem atenuar esses sintomas. Em modelos animais, a suplementação com metionina demonstrou reduzir a sensibilização comportamental aos efeitos ativadores da cocaína, o que evidencia o potencial dessas intervenções dietéticas na modulação dos sintomas psicóticos induzidos por substâncias.</p> <p>Além das modificações dietéticas, a microbiota intestinal também desempenha um papel crucial no desenvolvimento da psicose associada ao uso de substâncias. A disbiose intestinal, caracterizada pela diminuição de bactérias produtoras de butirato e o aumento de bactérias pro-inflamatórias, foi associada à psicose em usuários de metanfetamina. Em particular, a suplementação com butirato de sódio mostrou potencial terapêutico na redução da neuroinflamação, um componente chave na exacerbação de sintomas psicóticos em indivíduos dependentes de substâncias.</p> <p>Intervenções com medicamentos epigenéticos também têm mostrado resultados promissores no tratamento da psicose induzida por substâncias. Drogas como clozapina e piracetam, por exemplo, demonstraram restaurar a função neuronal em modelos animais, revertendo alterações epigenéticas associadas ao uso de substâncias. Esses achados sublinham a importância de explorar terapias baseadas em modificações epigenéticas, além de destacar a necessidade de ensaios clínicos para validar essas abordagens em humanos.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

O filtro de 5 anos foi aplicado em ambas as bases de dados. Na PubMed, foram inicialmente encontrados 64 artigos. Após uma análise dos títulos, 20 artigos foram selecionados para a revisão. A leitura dos resumos resultou na retenção de 9 artigos, dos quais 3 foram escolhidos após a leitura dos textos completos. Na Scopus, foram encontrados 31 artigos. Após a análise dos títulos, 16 artigos foram selecionados. A leitura dos resumos reduziu o número para 7 e a leitura dos textos completos resultou na seleção de 3 artigos. Assim, um total de 6 estudos foram selecionados para a revisão.

A psicose induzida por substâncias (PIS) apresenta um desafio diagnóstico substancial, especialmente na distinção de transtornos psicóticos primários (TPP), devido à semelhança entre os sintomas manifestados, como delírios e alucinações. O DSM-5 classifica a PIS como uma condição psicótica que ocorre no contexto de uso, abuso ou abstinência de substâncias, sendo crucial que o diagnóstico exclua delírios e outros transtornos psiquiátricos pré-existent (Beckmann, D. *et al.*, 2020). Isso reforça a importância de uma avaliação clínica detalhada e contínua, uma vez que o diagnóstico diferencial entre PIS e TPP pode ser complicado, exigindo abordagens diagnósticas

criteriosas para evitar diagnósticos errôneos que podem comprometer o manejo adequado dos pacientes.

Um fator chave que diferencia a PIS da esquizofrenia e de outros transtornos psicóticos primários é a ausência de sintomas negativos persistentes, como apatia e pobreza de discurso, que são comuns na esquizofrenia. A hipótese da automedicação, sugerida por Cohen-Laroque *et al.* (2024), afirma que o uso de substâncias pode, inicialmente, mascarar esses sintomas em usuários de longo prazo, resultando em uma apresentação clínica diferente entre PIS e TPP. As alterações neurobiológicas subjacentes, como o aumento do volume de matéria cinza em indivíduos com PIS, indicam que o mecanismo pelo qual as substâncias provocam psicose pode divergir dos mecanismos observados em transtornos como a esquizofrenia, onde as alterações cerebrais são mais profundas (Cohen-Laroque, J. *et al.*, 2024).

No entanto, o diagnóstico diferencial não é fácil. Sintomas psicóticos induzidos por substâncias como canabinoides, metanfetaminas e alucinógenos podem evoluir para condições mais graves, como esquizofrenia, e exigem monitoramento contínuo (Fiorentini, A. *et al.*, 2021). Estudos sugerem que a PIS pode ser transitória, mas a alta taxa de conversão para transtornos psicóticos duradouros, como esquizofrenia e transtorno bipolar, sublinha a importância de um acompanhamento longo e contínuo dos pacientes (Fiorentini, A. *et al.*, 2021). Esse dado reforça a necessidade de intervenções precoces, especialmente entre jovens usuários de substâncias, que são um grupo de risco elevado para o desenvolvimento de psicose crônica.

Ademais, a intervenção precoce para substâncias como cannabis é fundamental, pois a taxa de transição para esquizofrenia é mais alta em casos de psicose induzida por essa substância. O estigma associado à PIS, frequentemente considerada autolimitante, muitas vezes impede que esses pacientes recebam intervenções assertivas. No entanto, a avaliação psiquiátrica detalhada e o tratamento contínuo são essenciais, independentemente da substância envolvida, especialmente considerando o risco de progressão para transtornos psicóticos primários (Murrie, B. *et al.*, 2020). Esses achados

sugerem que uma abordagem integrada, que inclua tanto o manejo da psicose quanto do transtorno por uso de substâncias, pode melhorar significativamente os desfechos a longo prazo.

Abordagens terapêuticas para PIS incluem o uso de antipsicóticos atípicos, como olanzapina e quetiapina, que demonstraram eficácia no manejo de sintomas psicóticos. No entanto, a variabilidade na resposta ao tratamento indica que a escolha do antipsicótico deve ser individualizada, levando em consideração a tolerância do paciente e a severidade dos sintomas (Beckmann, D. *et al.*, 2020). Além disso, a presença de comorbidades, como dependência de múltiplas substâncias, complica o manejo, o que exige um cuidado adicional na seleção de medicamentos e monitoramento dos efeitos colaterais (Cohen-Laroque, J. *et al.*, 2024).

As abordagens integradas, que combinam intervenções farmacológicas com terapias psicossociais, têm demonstrado eficácia na redução de recaídas e novas hospitalizações. Programas que incorporam a Terapia Cognitivo-Comportamental (CBT) e a Entrevista Motivacional (MI) se mostraram particularmente promissores, visto que permitem abordar tanto a psicose quanto o transtorno por uso de substâncias de forma simultânea (Beckmann, D. *et al.*, 2020). Essas intervenções, que incluem a participação familiar, fornecem um suporte adicional ao paciente, e aumentam as chances de adesão ao tratamento e melhorando os desfechos a longo prazo.

A psicose induzida por substâncias tende a ter um curso clínico mais favorável do que os transtornos psicóticos primários, com uma maior probabilidade de remissão dos sintomas após a interrupção do uso de drogas (Hirjak, D. *et al.*, 2022). No entanto, o impacto da comorbidade com dependência de drogas pode aumentar as taxas de recaída e hospitalizações, o que sugere a necessidade de estratégias de prevenção e acompanhamento mais rigorosas (Hirjak, D. *et al.*, 2022). A vulnerabilidade genética para psicose, particularmente em famílias com histórico de esquizofrenia, também pode influenciar os desfechos, o que ressalta a importância de abordagens personalizadas no manejo desses pacientes.



Adicionalmente, os efeitos de longo prazo da PIS são ainda amplamente desconhecidos, especialmente no caso de substâncias mais recentes, como canabinoides sintéticos e alucinógenos. A introdução contínua de novas substâncias no mercado complica o diagnóstico e o tratamento, uma vez que os exames convencionais nem sempre detectam essas drogas (Fiorentini, A. *et al.*, 2021). Isso destaca a necessidade de ferramentas diagnósticas mais abrangentes e atualizadas, que possam ser aplicadas em ambientes de emergência para garantir uma avaliação adequada dos pacientes.

As diretrizes de tratamento para PIS ainda são limitadas pela falta de ensaios clínicos robustos e específicos para essa condição. Embora as abordagens integradas mostrem promessas, a falta de evidência concreta sobre a eficácia dos antipsicóticos em longo prazo e a variabilidade na resposta ao tratamento indicam que mais pesquisas são necessárias para aperfeiçoar as estratégias terapêuticas (Beckmann, D. *et al.*, 2020). A pesquisa futura deve focar no desenvolvimento de intervenções que considerem tanto os fatores de risco genéticos quanto os comportamentais, para uma gestão mais eficaz e personalizada dos casos de psicose induzida por substâncias.

A complexidade do manejo da PIS exige que os profissionais de saúde estejam atentos não apenas ao tratamento dos sintomas agudos, mas também ao acompanhamento de longo prazo. A implementação de estratégias de intervenção precoce e programas de reabilitação para abuso de substâncias é fundamental para mitigar a progressão para transtornos psicóticos crônicos (Cohen-Laroque, J. *et al.*, 2024). Além disso, a revisão regular do uso contínuo de antipsicóticos, principalmente após seis meses de tratamento, pode evitar efeitos colaterais a longo prazo e garantir uma abordagem terapêutica mais equilibrada e eficaz (Hirjak, D. *et al.*, 2022).

Nohesara *et al.* (2024) introduzem uma perspectiva inovadora ao considerar a influência de abordagens dietéticas e epigenéticas no tratamento da psicose induzida por substâncias. A evidência emergente sugere que intervenções dietéticas, como a

introdução de alimentos ricos em metil e alterações na microbiota intestinal, podem ter um impacto significativo na modulação da psicose e nas funções cognitivas associadas. Embora essas estratégias ainda estejam em estágios iniciais de investigação, elas oferecem um potencial promissor para complementar as abordagens terapêuticas tradicionais. A compreensão desses novos mecanismos e a validação clínica dessas intervenções são áreas de pesquisa promissoras, que podem, no futuro, enriquecer significativamente as opções de tratamento para a psicose induzida por substâncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a psicose induzida por substâncias (PIS) é desafiadora para o diagnóstico e tratamento devido à semelhança com transtornos psicóticos primários (TPP). Diferenciar entre PIS e TPP é essencial, mas complicado pelos sintomas semelhantes como delírios e alucinações. O tratamento geralmente usa antipsicóticos atípicos e combinações de farmacoterapia e terapias psicossociais. Abordagens emergentes, como intervenções dietéticas e epigenéticas, oferecem novas perspectivas e devem ser acompanhadas para validação futura. É crucial adotar uma abordagem multidimensional que considere fatores agudos e de longo prazo para otimizar os desfechos clínicos e a qualidade de vida dos pacientes.

REFERÊNCIAS

1. BECKMANN, D.; LOWMAN, K. L.; NARGISO, J.; MCKOWEN, J.; WATT, L.; YULE, A. M. Substance-induced psychosis in youth. **Child Adolesc Psychiatr Clin N Am**, v. 29, n. 1, p. 131-143, 2020. doi: 10.1016/j.chc.2019.08.006. Epub 2019 Sep 23. PMID: 31708042; PMCID: PMC8961695. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8961695/>. Acesso em: 6 set. 2024.



2. COHEN-LAROQUE, J.; GRANGIER, I.; PEREZ, N.; KIRSCHNER, M.; KAISER, S.; SABÉ, M. Positive and negative symptoms in methamphetamine-induced psychosis compared to schizophrenia: A systematic review and meta-analysis. **Schizophr Res**, v. 267, p. 182-190, 2024. doi: 10.1016/j.schres.2024.03.037. Epub 2024 Mar 29. PMID: 38554698. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0920996424001373?via%3Dihub>. Acesso em: 6 set. 2024.
3. FIORENTINI, A.; CANTÙ, F.; CRISANTI, C.; CEREDA, G.; OLDANI, L.; BRAMBILLA, P. Substance-induced psychoses: An updated literature review. **Front Psychiatry**, v. 12, p. 694863, 2021. doi: 10.3389/fpsyt.2021.694863. PMID: 35002789; PMCID: PMC8732862. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8732862/>. Acesso em: 6 set. 2024.
4. HIRJAK, D.; MEYER-LINDENBERG, A.; BRANDT, G. A.; DREßING, H. Differenzialdiagnostische Unterscheidung zwischen substanzinduzierten und primären Psychosen: Empfehlungen für die allgemeinpsychiatrische und forensische Praxis. **Nervenarzt**, v. 93, n. 1, p. 11-23, 2022. doi: 10.1007/s00115-021-01083-3. Epub 2021 Mar 3. PMID: 33656571; PMCID: PMC8763934. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8763934/>. Acesso em: 6 set. 2024.
5. MURRIE, B.; LAPPIN, J.; LARGE, M.; SARA, G. Transition of substance-induced, brief, and atypical psychoses to schizophrenia: A systematic review and meta-analysis. **Schizophr Bull**, v. 46, n. 3, p. 505-516, 2020. doi: 10.1093/schbul/sbz102. PMID: 31618428; PMCID: PMC7147575. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7147575/>. Acesso em: 6 set. 2024.
6. NOHESARA, S.; MOSTAFAVI ABDOLMALEKY, H.; THIAGALINGAM, S. Substance-induced psychiatric disorders, epigenetic and microbiome alterations, and potential for therapeutic interventions. **Brain Sci**, v. 14, n. 8, p. 769, 2024. doi: 10.3390/brainsci14080769. PMID: 39199463; PMCID: PMC11352452. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11352452/>. Acesso em: 6 set. 2024.